

CONSIDERAÇÕES SOBRE ANÁLISE E ESCOLHA DE LIVROS

Com o objetivo de orientar e subsidiar o estudo e análise de livros didáticos, técnicos e de literatura que são disponibilizados para a rede estadual, a Secretaria da Educação, Ciência e Tecnologia apresenta o documento *Considerações sobre análise e escolha de livros*.

Sugerimos procedimentos para a análise de livros, com a intenção de orientar, sem fornecer modelos ou padrões determinados para uma análise, mas proporcionar aos educadores uma reflexão sobre os livros que integrarão o universo dos educandos.

A qualidade do ensino não passa somente pela utilização dos materiais pedagógicos, mas também, pelo conteúdo trabalhado na interação professor e aluno. É importante que a análise de livros esteja embasada na concepção de humanidade, de conhecimento e de aprendizagem norteadas pela Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina.

Destaca-se, então a importância de se discutir o valor e a qualidade do livro didático, literário e técnico no processo de socialização do conhecimento.

Equipe de Ensino Fundamental¹

¹ Texto revisado pela equipe pedagógica do ensino fundamental, com base no texto editado em 1999.

O LIVRO, ESSE MUNDO DE COISAS

Um livro formula idéias que divertem, informam e ensinam. Nesse sentido, a leitura amplia os horizontes de possibilidades de interlocução porque permite que se dialogue com o outro para perceber o que se disse sobre determinado assunto e a forma como se disse. Permite, ainda, que possamos construir as nossas palavras com as palavras do outro.

São as leituras já feitas de um livro (ou de um texto) e as leituras já feitas por um leitor específico que dirigem a compreensão e produzem a história de leitura de cada livro. Os sentidos, elaborados historicamente por quem escreve e por quem lê, e a intertextualidade (relação de um texto com outros textos) são fatores que podem determinar as interpretações possíveis de um livro.

Esse entendimento sustenta-se numa concepção de leitura como a “interlocução que se estabelece entre sujeitos e, como tal, espaço de construção e circulação de sentidos” (Geraldi, 1996, p. 96). A leitura constitui-se, assim, no confronto interlocutivo em que interagem o texto, o locutor e o interlocutor.

O leitor é peça fundamental deste envolvimento e dele também depende o desvendar dos mistérios de um livro. A leitura de um texto possibilita que se estabeleçam relações com outros textos e com a realidade histórico-cultural de cada tempo. Ao ler, o leitor se envolve com o assunto e pode, desta forma, repensar os seus conceitos acerca do mundo, da humanidade, da relação que estabelece com o outro e com a realidade.

Assim, ao analisar um livro, é importante que se conheça bem o tema ou o conteúdo que o compõe, para poder fazer uma leitura aprofundada, tirando do próprio texto os elementos para se elaborar a análise.

CONSIDERAÇÕES SOBRE ANÁLISE

Os livros não existem no vácuo, os escritores, como tais, tem uma função social definida exatamente proporcional a sua competência como escritores. Essa é a sua principal utilidade. (Ezra Pound)²

Para elaborar uma análise é necessário, antes de tudo, que se pensemos sobre os sentidos da palavra *analisar*. Segundo Holanda (1988, p. 28), “analisar é decompor um todo em partes com o objetivo de conhecer a sua natureza, suas proporções, suas funções e suas relações com esta ou aquela natureza”.

Isto quer dizer que um objeto, ao ser analisado, terá uma implícita relação com outro (s) objeto (s). Assim, se o texto aborda questões psicológicas, remete o analista ao conhecimento da Psicologia, se aparecem aspectos filosóficos, a leitura remete a questões da Filosofia. Em outras palavras: cada livro apresenta as características da área do conhecimento que lhe é pertinente, mas, também, concepções referentes ao conhecimento de outras áreas. Ou ainda: cada texto estabelece relações com outros textos e com a realidade histórico-cultural de cada tempo, possibilitando ao leitor o repensar dos conceitos acerca do mundo e da humanidade.

Moises (1997, p. 13) define a análise como “um processo de desmontar um todo com vistas à compreensão profunda e rigorosa de sua estrutura. Um objeto, um conteúdo, uma equação matemática, uma idéia, um problema... quando decomposto está sendo analisado”.

Ainda, para este autor, uma matéria pode ser analisada como uma peça autônoma em si, sem ligação nenhuma com o exterior ou com outros objetos, mas poderá ser entendida de modo diferente quando analisada na relação que estabelece com outros objetos (neste caso, com outros textos).

Tomando como parâmetro estes conceitos, apontamos a seguir alguns encaminhamentos técnicos de como elaborar uma análise de livros didáticos, técnicos e literários.

² Fragmento de pensamento do poeta norte-americano EZRA POUND, extraído da obra *Literatura Brasileira* de José de Nicola.

COMO SE ANALISA UM LIVRO

Inicialmente, como já dissemos, não há modelos fixos para uma análise, pois cada uma tem sua especificidade, pelo texto ou pelo conhecimento e pela leitura de quem a realiza. Neste sentido, fizemos apenas sugestões de como é possível realizar este trabalho que se constitui da leitura que um sujeito (leitor analista), situado historicamente, faz de um livro, produzido por um autor, também situado num tempo e espaço determinados.

A análise deverá ser trabalhada no sentido de possibilitar ao interlocutor uma visão geral do livro estudado. Pode-se desenvolver a partir do tema, detalhado ou não em partes, através de comentários e de argumentação consistente. O ponto de vista do leitor-analista, relacionado ao que se propõe opinar, questionar, favorecendo ou não o livro em questão, é fundamental neste trabalho. A coerência e coesão são importantes para manter a unidade do texto, possibilitando sua melhor compreensão. Lembramos, ainda, a necessidade de constar a referência bibliográfica da obra em questão.

Quem analisa um texto ou um livro deve oferecer informações significativas que, além de explicar, permitam ao leitor discordar ou concordar com a análise apresentada. É necessário seguir os princípios básicos da produção de textos, atendendo aos objetivos desse momento enunciativo – registro da análise de um livro.

O LIVRO DIDÁTICO

A Escola há de ser para mim um céu onde, a cada dia surge uma estrela nova... (ISA CH, uma menina uruguaia de 12 anos)³

Como em algumas escolas o livro didático é, ainda, o único material pedagógico escrito, há a necessidade de se analisar cuidadosamente esse recurso didático antes de otimizá-lo na sala de aula. A análise criteriosa desse material, entre outros aspectos, se justifica devido ao risco que corremos de afastar os educandos dos livros de um modo

³ Fragmento extraído do caderno *Cem Perguntas Sobre a Vida da Criança*, relativo à experiência na Escola “Canteras Del Riachuelo”, Colônia Uruguai.

geral. Uma experiência frustrada com o livro didático (às vezes o único livro a que a criança tem acesso) pode afastar essa criança da leitura.

Entendemos o livro didático como “uma obra escrita (ou organizada, como acontece tantas vezes) com a finalidade específica de ser utilizada numa situação didática, o que a torna, em geral, anômala em outras situações” (Molina, 1987: 10). Sendo assim, “o livro didático não é um fim em si mesmo, mas um complemento ao trabalho global dos professores” (*Ibid*). O livro didático pode se constituir, assim, num recurso para o fazer pedagógico, desde que os professores tenham entendimento da função que ele representa no processo de ensino e aprendizagem.

Aqui há um outro aspecto que precisamos considerar. O livro didático não deve ser adotado pelo professor com sendo o único recurso a ser trabalhado com os alunos, embora, há professores que orientam a sua prática pedagógica a partir dele. Dentre alguns problemas que isso pode representar, destaca-se ainda que em geral, os textos que compõem um livro didático são fragmentos de outros textos e nem sempre contemplam a diversidade de gêneros do discurso, com o quais os alunos têm contato diariamente, limitando as suas possibilidades de reflexão e análise. Há, neste sentido, uma forma de apagamento do professor e do aluno como sujeitos do processo de produção de sentidos na leitura de um texto, já que o autor do livro didático propõe a sua leitura que é, muitas vezes, aceita sem ser questionada; há, ainda, os textos que são *fabricados*, simplificando o complexo processo de produção de sentidos.

Levando em conta essas reflexões e que a qualidade do livro a ser utilizado pelos alunos e pelas alunas tem implicação no ensino, sugerimos alguns critérios de análise a serem considerados pelas escolas antes da adoção de um determinado livro didático:

- Verificar se o livro incorpora os avanços da ciência, da técnica e das novas concepções pedagógicas e educacionais;
- Verificar, em se tratando de nova edição ou de edição revisada, se o conteúdo e sua abordagem foram atualizados;

- Não adotar livros que contenham, basicamente, exercícios do tipo: **identifique, risque, sublinhe, siga o modelo, copie, resolva, arme, efetue**, etc.;

- Não adotar livros que veiculem concepções de mundo preconceituosas no tocante à classe social, raça, etnia, ao gênero, credo, à idade, opção sexual, entre outros;

- Observar se os conteúdos trabalhados no livro se apresentem com clareza, coerência e nível argumentativo consistente;

- Observar que o livro, especialmente o de língua portuguesa, apresente vários gêneros textuais, como por exemplo: publicidade, reportagem, conto, crônica, notícia jornalística, bula, receita culinária, entre outros.

Ressaltamos que com essas sugestões de critérios não pretendemos fechar as muitas outras possibilidades a considerar, quando da análise e escolha de um livro didático. Pretendemos, tão somente, chamar a atenção dos educadores e das educadoras para a necessidade de analisarem criteriosamente os recursos pedagógicos por eles utilizados.

É importante que o fio condutor do processo de análise e escolha do livro didático esteja pautado nas concepções de humanidade, de conhecimento e de aprendizagem que sustentam o Projeto Político Pedagógico da escola. Sabemos que o livro didático é resultado da produção tecnológica de uma determinada época e, atualmente, pode não contemplar todos os objetivos da proposta pedagógica de cada escola. Por isso, cabe aos professores – mediadores do processo de ensino e aprendizagem – o entendimento de que a produção tecnológica disponível, nos dias atuais, é muito mais rica do que o livro didático e de que precisam buscar em jornais, revistas, fitas de vídeo, *CD-ROM*, na *Internet* e na música, dentre outros meios, os elementos necessários para o aprimoramento de sua prática pedagógica. Com este entendimento, o livro deverá ser um meio, dentre os muitos, de que os professores dispõem para aprimorar o seu fazer pedagógico.

Percebendo o livro didático como parte integrante do processo pedagógico, é necessário que os educadores estabeleçam relações entre o conteúdo abordado no livro e

o espaço histórico-social de sua produção, bem como, com a vida e com as práticas sociais da humanidade, numa perspectiva local e global.

LIVRO DE LITERATURA⁴

Palavras são tudo, para quem escreve. Ou quase tudo. Como a serra, o martelo, a paina, a madeira, a cola e os pregos para marceneiro; como a colher, o primo, os tijolos e a argamassa para o pedreiro. Como a fazenda, a linha, a tesoura e a agulha para o alfaiate. Estou falando de instrumento de trabalho, porque escrever, nem sempre é considerado como um trabalho. (Moacir Scliar).

A literatura, como arte, é um conhecimento produzido pela humanidade, carregado de sentidos pessoais, de tempos diversos e de cada tempo em particular. Isso significa dizer que o texto literário reflete o real em vários sentidos e, como tal, tem um caráter polissêmico.

Nesse sentido, o livro de literatura não deve ter a função simplesmente de objeto de ensino, uma vez que ele se constitui da produção de um autor e dos sentidos atribuídos por um leitor, ambos situados histórica e socialmente. É importante que uma obra literária seja percebida e respeitada como ponto de encontro entre o autor e o leitor. Porém, existem diferentes objetivos e procedimentos para cada leitura que se faz de um mesmo livro, uma vez que os interesses e os conhecimentos dos leitores são variados.

Na escola, a leitura literária precisa ser incentivada na medida em que, além do prazer que proporciona, permite o desenvolvimento intelectual. A criança, por exemplo, descobre desde cedo o prazer da leitura. Inicialmente, ela manuseia o livro e observa as ilustrações, interessando-se pela história. Em princípio, ouvindo-a e depois lendo-a. Normalmente, as crianças querem que lhe contem histórias; cabe à escola e aos educadores, desempenhar o papel de contar e fazer ler **histórias**.

Precisamos considerar, ainda, que o texto literário pode apresentar-se em prosa e em verso. Essas duas formas devem estar presentes no processo de seleção e análise do livro de literatura, sem se privilegiar uma em detrimento da outra. A resistência à poesia, na prática pedagógica, já foi referida por Drumond (1967) quando diz que as crianças de modo geral são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo porque a escola não repara em

⁴ Fragmento da obra *Memórias de um Aprendiz de Escritor*, de Moacir Scliar.

seu ser poético, não atende sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento e o mundo.

Concluí-se, assim, que a presença da obra literária torna-se fundamental nas escolas. Daí a necessidade de proporcionar aos alunos o acesso ao maior número possível de gêneros literários, do clássico ao contemporâneo, contribuindo, significativamente, para a construção de sua história de leitura.

Embasada nas considerações feitas, convém que a escola observe alguns critérios, quando da análise e escolha de livros de literatura:

- **Quanto à qualidade**

Deve-se dar preferência para livros que sejam escritos em linguagem bem elaborada, técnica e esteticamente, e que contenham textos integrais (não fragmentos, nem adaptações). As capas e as ilustrações deverão ser atraentes e ter relação com o texto. Ressaltamos que, nos livros para crianças pequenas, as ilustrações são tão necessárias quanto o texto que está escrito, uma vez que elas são o próprio texto.

- **Quanto ao estilo**

O estilo do livro de literatura deverá corresponder às necessidades e interesses de seu leitor, numa linguagem que lhe seja adequada. Progressivamente, os textos que são disponibilizados aos alunos devem conter maior complexidade na linguagem e nos conteúdos. A fantasia e o maravilhoso precisam estar presentes, especialmente nos livros infantis, pois contribuem para o desenvolvimento da criatividade, do imaginário e do gosto pela leitura, e são indispensáveis ao pensar da criança.

- **Quanto ao material**

O material do livro deve ser apresentável e, ao mesmo tempo, resistente para evitar que se danifique com o manuseio. Como muitos livros propõem atividades de ilustração, de recorte e colagem a partir do tema desenvolvido, tornando-os descartáveis, sugerimos que se dê preferência aos que não o sejam. O tipo de letra deverá ser legível, e tanto maior quanto mais jovem for o leitor.

- **Quanto ao interesse**

É importante que a escola disponibilize livros literários que atendam os interesses dos alunos de séries e idades diferentes. Há que tomar o cuidado, porém, para que não se inicie o trabalho de leitura com textos muito complexos, e para que não se permaneça em todos os momentos da escolarização com textos que, por serem agradáveis, não são suficientemente desafiadores e provocativos para as crianças, os adolescentes e os jovens, à medida que seu conhecimento permite avançar para textos mais complexos.

Cabe aos educadores conhecer seus alunos para poder sugerir-lhe obras literárias que atendam as necessidades e os interesses mais imediatos, além de incentivá-los na busca do aprimoramento do gosto literário.

O LIVRO TÉCNICO

Os textos que se destinam a divulgar teorias e conhecimentos científicos parecem, numa primeira leitura, muito complicados e difíceis. Em parte, esta dificuldade pode estar na terminologia científica empregada, uma vez que esta se preocupa em exprimir, com a maior precisão possível, os fenômenos estudados.

Entendemos, assim, como livro técnico “aquele que explicitamente visa instruir, que tem finalidades pedagógicas, que está relacionado ao ensino das ciências, das artes, das técnicas, etc “(Platão & Fiorin, 1993, p. 406). É, portanto, um texto conceitual.

O livro técnico de qualquer disciplina trabalha com termos específicos de sua área do conhecimento e da teoria que o fundamenta. Portanto, para que não se tenha dificuldade no entendimento desse tipo de texto, é necessário que se conheça o significado dos termos com que trabalha, o que implica em conhecer a teoria (princípios e conceitos) que fundamenta a disciplina em questão.

Outro aspecto importante a considerar, quando da análise de um livro técnico, é o conhecimento prévio do leitor. Se o texto for de iniciação ao estudo de determinada teoria, disciplina ou conhecimento, poderá ter definições que permitam o entendimento da fundamentação teórica. Mas, se o texto se referir a uma discussão mais avançada da

teoria, disciplina ou conhecimento poderá não abordar as definições dos termos que permitem a sua compreensão por leitores iniciantes.

Precisamos, então, considerar o tipo de leitor a que se destina o texto quando de sua escolha, já que pode se tornar de difícil compreensão, se é do tipo que exige um conhecimento prévio que o leitor não possui. Porém, o mesmo texto pode ser repetitivo e desinteressante se o leitor já domina os conceitos fundamentais que são discutidos na obra.

Considerando o acima exposto, relacionamos alguns aspectos a serem observados quando da análise e escolha de um livro técnico, tanto para o uso dos professores quanto para o uso dos alunos:

- Caráter científico do texto e dos termos específicos com os quais trabalha;
- Consistência argumentativa, coesão e coerência na linguagem utilizada;
- Consistência da fundamentação teórica;
- Conhecimento prévio do leitor a que se destina o texto.

Mesmo considerando os critérios sugeridos, muitas vezes, a leitura de um livro técnico requer também o uso de obras auxiliares do próprio autor ou de um dicionário específico da área em questão (Filosofia, Sociologia, Psicologia, entre outros). Alertamos que o uso de textos técnicos para trabalhar o conhecimento científico com crianças pequenas deve pressupor o pensamento sincrético, próprio da infância, que exige dos professores a utilização de informações complementares, comparações, representações ou outras estratégias que se fizerem necessárias para auxiliar no processo de formação de conceitos.

Nos livros técnicos, a temática proposta pelo autor deve contribuir para uma melhor compreensão e aprofundamento teórico-metodológico das questões educacionais e sociais, no sentido de que os educadores possam estar permanentemente questionando e repensando como sua ação pedagógica interfere na formação do cidadão de seu tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A determinação da qualidade de um livro também é de responsabilidade dos professores, uma vez que deverão participar do processo de sua avaliação e de sua escolha.

Assim, todos os que estão envolvidos na escolha do livro didático, literário ou técnico, devem considerar que os alunos são atores fundamentais desse processo e que formar leitores é também fazer cidadãos do mundo. Porém, ninguém forma o outro leitor se ele próprio não o for.

As sugestões que aqui apresentamos constituem-se em orientações que precisam ser adequadas e enriquecidas a cada situação de análise que se apresentar.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Carlos Drumond de. *Consideração do Poema*. Obras Completas 2. Rio de Janeiro: Editora Rio de Janeiro, 1967.
- ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1985.
- BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4.ª ed. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira; ver. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- CORACINI, Maria José. *O jogo discursivo na sala de aula de leitura*. Campinas: Pontes, 1995.
- FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: Leitura e Redação*, 7ª ed. São Paulo: Ática, 1993.
- FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. Or. Fr. 1989.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____, *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras – ALB, 1996.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes/EDUNICAMP, 1993.
- MOISÉS, Massaud, *Análise Literária*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- MOLINA, Olga. *Quem engana quem: professor x livro didático*. Campinas: Papirus, 1987.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.
- SCLIAR, Moacir. *Memórias de um aprendiz de escritor*. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1986.
- SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO (Santa Catarina). *Proposta Curricular: Disciplinas Curriculares*. Florianópolis: SED/COGEN, 1998.
- TERZI, Sylvia Bueno. *A construção da leitura*. Campinas: Editora da UNICAMP/Pontes, 1995.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Construção do conhecimento em sala de aula*. São Paulo: Libertad, 1995b (Cadernos Pedagógicos do Libertad, v. 2).
- VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- _____, *Pensamento e linguagem*. Trad. Jéferson Luiz Camargo; ver. Téc. José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- VYGOTSKY, L.S., LURIA, A.R. LEONTIEV, A.N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 5. ed. Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone/EDUSP, 1988.
- ZILBERMAN, Regina e Silva, Ezequiel T. da *Leitura: perspectivas interdisciplinares*: São Paulo: Ática 1988.

ZILBERMAN, Regina e Silva, Ezequiel T. da *Leitura: em crise na escola: as alternativas do professor*. 6ª ed. Porto Alegre: Ática 1988.